

## **SAÍDAS POR DENTRO DA GRADE: RELATOS, DILEMAS E PRÁTICAS DA PEDAGOGIA TEATRAL EM CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO**

Pedro Henrique Vieira de Sousa<sup>2</sup>, Vicente Concilio<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto Teatro e Prisão: práticas de infiltrações das artes cênicas em espaços de vigilância.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC/UDESC.

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – vicente.concilio@udesc.br.

Este relato se desenvolve a partir da prática teatral no Centro de Internação Feminino (CIF), em Florianópolis. O contexto socioeducativo é permeado por diversos dilemas que desafiam a pesquisa das infiltrações das artes cênicas em espaços de vigilância. As jovens privadas de liberdade estão sujeitas a punições devido às origens marginalizadas, enfrentando obstáculos como a falta de oportunidades e desigualdades estruturais. O espaço abordado na pesquisa pune jovens mulheres, de até dezoito anos, em situação de vulnerabilidade, frequentemente vindas de ambientes em conflito ou desfavorecidos, que cometem algum tipo de delito. Problemas como o abandono escolar e exposição a riscos sociais que afetam seu desenvolvimento e dificultam sua inserção na sociedade contribuem para que o acesso ao crime seja possível.

As primeiras tentativas de condução das aulas no CIF foram apáticas e de estranhamento por parte das alunas. A prática se mostrava limitada no contexto de vigilância suprema. As internas das duas alas, que variavam entre duas e três por ala, não se sentiam confortáveis em se expressarem através das sugestões de exercícios de improviso levadas para os encontros. No ano anterior, uma delas havia participado das aulas realizadas pelo grupo de pesquisa, que resultou na construção da dramaturgia “*Jornada da Guerreira*”, de Nicolas Cordova Dorvalino. Mas a única a ter experimentado o contato com o fazer teatral se mostrava pouco interessada, desconfiada, não mantendo contato visual comigo. Deixá-las confortáveis me pareceu uma tarefa árdua, e foi. Com o passar do tempo, a instabilidade do socioeducativo parecia querer, de alguma forma, me expulsar de lá. A imprevisibilidade em não saber quantas, nem quais meninas participariam das aulas, afetava diretamente no planejamento de atividades. Por isso, foi necessário organizar diversas possibilidades de dinâmicas para os encontros. Por meio dos jogos teatrais, foram pesquisadas maneiras eficazes de trabalhar com as jovens, independentemente da quantidade de alunas. Outro recurso utilizado foi a inserção de exercícios de escrita criativa, que foram fundamentais para a confiança das meninas sobre as aulas, que aproximou nossa relação por entre as grades de ferro. O dispositivo de escrita se deu a partir do caderno de atividades *Das Saídas Que Moram Nas Palavras*, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Teatro e Prisão em parceria com a professora Anelise Zimmermann, do Departamento de Design da UDESC e pelo programa de extensão Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica. O caderno sugeriu uma produção artística e poética sobre as próprias experiências das alunas, trazendo de volta a identidade de cada uma delas para dentro das palavras. Elas se orgulhavam de ter um caderno de atividades que pudessem escrever sobre suas particularidades, medos, sonhos e qualquer coisa que surgisse em suas cabeças. Os exercícios de escrita foram aproveitados por algumas meninas que ficaram pouco tempo no CIF. Uma outra leva de meninas passou a ocupar aquele espaço e, inevitavelmente, as dinâmicas das aulas de teatro tiveram que ser adaptadas novamente, pela falta de interesse das recém-chegadas nos exercícios de escrita. Foi um momento de mais um processo

de integração com as novas jovens, com outras experiências e outras formas de se expressarem. Surgiu então, a necessidade de contar histórias, fictícias ou não.

A disponibilidade nas aulas começou a se reerguer de maneira inspiradora com o novo grupo de alunas. O respiro artístico, em meio a toda a pressão do lugar, se mostrava tão presente que as funcionárias do Centro, que antes assistiam às aulas por entre os vãos das grades a fim de monitorar o que estava sendo feito nos exercícios, passaram a assumir o lugar de plateia, se divertindo com as improvisações das histórias criadas pelas meninas vigiadas. A segurança das aulas era também responsabilidade minha, a relação das meninas entre si e comigo foi se tornando acolhedora, e a minha relação e das meninas com as agentes se tornou humanitária e descontraída. As internas passavam a se individualizar aos poucos e também ocupar lugares de personagens, ora cotidianos, ora mirabolantes.

Ao longo das experimentações, o aproveitamento de tempo se tornou um ponto de busca na pesquisa. A pouca quantidade de horas de trabalho não supria mais as dinâmicas estabelecidas nas aulas, foi preciso reorganizar as atividades para que o tempo destinado, de uma hora e meia a cada quinze dias, fosse suficiente para que os encontros com as duas alas continuassem sendo benéficos. A partir da metade do semestre, fui agraciado com a presença de Geruza Bandeira, também bolsista do grupo de pesquisa Teatro e Prisão, que contribuiu de maneira excepcional para o desenvolvimento nas atividades pedagógicas no CIF. O processo com a ala A foi ocupando um lugar de coletividade entre as três meninas, que são mais antigas e passaram por quase todo o período em que ministrei as aulas de teatro. Já a Ala B era integrada por outras três novas jovens que ainda não me conheciam direito e passavam por suas primeiras atividades de teatro. Decidimos experimentar um fragmento do texto “Fando e Lis”, de Fernando Arrabal, para a montagem de uma cena com a Ala A, que foi um momento de muito debate, entre Geruza e eu, sobre a oscilação do interesse para com a proposta. Atualmente, elas se sentem engajadas a montarem a cena, mas se dispersam e se desmotivam facilmente durante os exercícios. É fundamental que busquemos soluções para essa variação de disponibilidade das meninas para com a proposta. Já, na última aula com a Ala B, fomos surpreendidos com um comprometimento e desenvoltura espontânea das meninas novas, que parecem estar prontas para embarcar em um processo que busque trabalhar uma coletividade cênica, mesmo que em contexto tão segregador.

O desafio dessa pesquisa é, inevitavelmente, a imprevisibilidade deste espaço de vigilância. A busca por metodologias e estratégias para lidar com os imprevistos do sistema prisional é fundamental para que a arte continue sua trajetória de infiltração por entre o concreto e as barras de ferro que separam aquelas que, por entre contextos e caminhos, não conseguiram lutar contra o sistema. Minha pesquisa é usar artimanhas de uma pedagogia do imprevisto para jogar com o estado punitivista brasileiro o jogo do sim. Para que todos possam ter um acesso digno a qualquer tipo de arte e uma educação de qualidade.

**Palavras-chave:** Pedagogia das Artes Cênicas. Socioeducativo. Prisão.